

Do corpo identitário ao corpo virtual: algumas implicações para a Educação Física

Odilon José Roble e Jocimar Daolio***

Imerso na realidade virtual, ao mesmo tempo fora do corpo e realmente presente por seus movimentos que simulam sua experiência, está ao mesmo tempo aqui e ali, em parte alguma, e, contudo, ali.

(LE BRETON, 2003, p.146)

Resumo: Partindo principalmente das contribuições teóricas de Marc Augé e David Le Breton, este trabalho problematiza o corpo humano em suas dimensões de tempo e espaço, discutindo o processo de virtualização que ocorre no mundo contemporâneo, processo esse que tende a multiplicar os modelos de corpo a serem perseguidos pelas pessoas. O trabalho discute também algumas implicações desses novos significados do corpo e das práticas corporais para a área de Educação Física e para seus profissionais.

Palavras-chave: Corpo; práticas corporais; modelos corporais.

Abstract: Based mainly on the theoretical contributions of Marc Augé and David Le Breton, this work focuses on issues about the human body in its time and space dimensions, analyzing the process of virtualization that is taking place in the contemporary world, a process that tends to multiply the body models to be pursued by people. This work also brings a discussion of some implications of these new meanings of the body and the bodily practices for the area of Physical Education and for professionals working in this area.

Key words: Body; bodily practices; body models.

Muito já se escreveu e se discutiu sobre o corpo, por meio de vários aportes teóricos, a partir de diferentes campos do conhecimento e com objetivos diversos. As Ciências Sociais reportaram-se ao corpo como suporte de signos sociais, que dão identidade a certos grupos e a cada um dos indivíduos que neles vivem. A

* Faculdade de Pedagogia da UNICID, Cursos de Educação Física da METROCAMP e FAM, VIOLAR – Grupo de Estudos Sobre Violência, Imaginário e Educação – FE Unicamp, Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC) – FEF Unicamp. roble@uol.com.br

** Faculdade de Educação Física da Unicamp, Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC) – FEF Unicamp. jocimar@fef.unicamp.br

Antropologia Social, em particular, apresentou a diversidade de comportamentos, ações e usos específicos do corpo de populações que vivem nas várias partes do mundo. Por vezes, este imenso painel de comportamentos corporais foi mostrado de forma preconceituosa e etnocêntrica, a fim de justificar a condição primitiva de certos povos, em oposição à condição civilizada de outros. Outras vezes, essa diversidade cultural foi apresentada de forma a mostrar os selvagens como bons e os civilizados como maus. Mais recentemente, as diferenças de comportamentos e de usos do corpo passaram por uma reflexividade a partir da qual as diferenças de um certo grupo observado passaram a revelar também as especificidades do grupo do qual faz parte o observador.

José Carlos Rodrigues afirmava que o corpo é “(...) o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (1983, p.47). Portanto, segundo ele, deveria ser apropriado pelos cientistas sociais como importante categoria de análise, por não estar restrito apenas à dimensão instrumental e orgânica, mas ao caráter expressivo e comunicativo próprios das ações humanas.

Milton Santos, discutindo o preconceito, a discriminação e o racismo a que a população negra no Brasil é submetida, afirmou a corporeidade como um dado de base, uma vez que ela implica dados objetivos, ainda que sua interpretação possa ser subjetiva. Segundo ele, o corpo se impõe como uma marca visível, tornando a aparência privilegiada nas relações humanas. E concluiu: “(...) a própria subjetividade e a dos demais esbarram no dado ostensivo da corporeidade, cuja avaliação, no entanto, é preconceituosa” (2000, p.15). Desta forma, o corpo expressaria a identidade de raça, cor, classe social, origem, influências, credo religioso etc.

Marcel Mauss, na década de 1920 do século XX, cunhou a expressão “fato social total”, procurando compreender como integradas nas condutas humanas os aspectos sociológico, psicológico e biológico. Segundo o autor, o caráter social das ações humanas e sua tradução psicológica ao nível individual só podem estar assentadas na dimensão física, formando um todo interligado tridimensional somente observável na expressão individual. Essa abordagem tríplice só é possível de ser alcançada porque essas dimensões constituem uma unidade, quando encarnadas na experiência de qualquer indivíduo membro de determinada sociedade (2003). A contribuição de Marcel Mauss ganha relevância pela própria época em que foi escrita, início do século XX, quando as várias disciplinas científicas passaram a estabelecer seus estatutos epistemológicos e definir seus limites em relação às outras disciplinas. Mauss propunha uma abordagem integradora de ser humano, o que, de certa forma, reunia as áreas de Sociologia, Antropologia, Psicologia e Biologia.

O mesmo Marcel Mauss, na esteira da discussão da totalidade do fato social expresso nas condutas individuais, discutiu especificamente o corpo e aquilo que ele chamou de “técnicas corporais” como sendo as maneiras pelas quais os seres

humanos fazem uso do seu corpo. Segundo ele, o corpo deveria ser compreendido como expressão da construção cultural humana. Cada gesto, cada movimento, seria tradutor de elementos identitários de uma dada sociedade. Mauss afirmava: “O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem (...) o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico” (2003, p.407).

Em seu trabalho sobre as Técnicas Corporais, Mauss elenca uma série de exemplos de comportamentos corporais identificadores de uma sociedade específica ou de uma certa época. Assim, Mauss cita seu aprendizado de natação quando criança, que teria sido muito diferente da época em que escreve seu texto. Lembra de sua experiência na Primeira Guerra Mundial, quando observou a impossibilidade das tropas inglesas cavarem com pás francesas; ou a dificuldade de marcha da tropa inglesa com marcação rítmica francesa. Cita ainda a mudança de hábitos das mulheres francesas após o advento do cinema e dos filmes americanos. Segundo o autor, cada sociedade possuiria um jeito de comportar-se e dispor-se do seu corpo, que caracterizaria a própria sociedade em questão (2003).

Claude Lévi-Strauss, comentando a obra de Marcel Mauss, lamentou que não houvesse continuidade sua obra de fazer um inventário ou uma descrição dos usos que os seres humanos fizeram e continuam a fazer de seus corpos em todo o mundo, ou, como ele chamou, uma “arqueologia dos hábitos corporais”. Todos os povos apresentam um grande elenco de hábitos e condutas corporais absolutamente amplo e variável, compondo um sistema sociológico. Segundo Lévi-Strauss:

Cada técnica, cada conduta, tradicionalmente aprendida e transmitida, funda-se sobre certas sinergias nervosas e musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários de todo um contexto sociológico (2003, p.14).

Tal tarefa, segundo Lévi-Strauss, seria particularmente importante numa época¹ em que os seres humanos, devido ao desenvolvimento tecnológico, tendem a se utilizar menos dos meios corporais, correndo o risco de abandonar num passado inexplorado certas práticas, cujo conhecimento e análise poderiam ser úteis para a compreensão da sociedade atual. A disposição deste patrimônio de técnicas corporais permitiria, sob a forma de experiências vividas por outros humanos, “(...) tornar cada homem sensível à solidariedade, ao mesmo tempo intelectual e física, que o une à humanidade inteira” (2003, p.15). Segundo o mesmo autor, essa apresentação dos comportamentos corporais mundiais contribuiria também para a contraposição aos preconceitos raciais, mostrando que a variação existente entre os seres humanos por todo o mundo não é causada por diferenças biológicas

1. O autor escreveu seu texto em 1950, prefaciando a primeira edição da obra de Marcel Mauss, e não poderia ser mais atual.

hierárquicas inscritas nos seus corpos, mas pelas diferenças culturais expressas por meio deles.

Resta perguntarmos se estas reflexões ainda seriam pertinentes numa época em que os meios de comunicação multiplicam cada vez mais rapidamente por todo o mundo a transmissão das formas simbólicas, num processo de “midialização” (THOMPSON, 1995). De fato, o clássico texto sobre as Técnicas Corporais, de Marcel Mauss, e o comentário à sua obra, de Claude Lévi-Strauss, podem parecer ingênuos pelo fato de terem sido escritos antes do intenso crescimento da mídia, fenômeno ocorrido durante a segunda metade do século XX. Naquela época, era mais possível que hoje falar de um corpo identificador de uma sociedade ou de uma época determinada, ou de um uso específico do corpo por meio de um dado grupo social, ou de características corporais diferenciais entre grupos diversos. Na era atual, em que a mídia velozmente apresenta padrões de condutas corporais, seria possível falar em corpo identitário?

Tomemos como centro de nossa reflexão o corpo em suas dimensões de tempo e espaço, observando o movimento como expressão desse corpo nesta relação temporal e espacial. Sabemos que os meios de comunicação sofreram grandes transformações nas últimas décadas e podemos compreender como estas mudanças provocam novas realidades corporais. Estaremos vivendo o limiar de uma transformação do corpo, no qual o caráter identitário deste, ainda que não abandonado, estaria sendo substituído pela sua virtualização. Supor a virtualização do corpo não é o mesmo que acreditar em sua desmaterialização, o que seria uma discussão distante dos referenciais que estamos aqui adotando. O estar atento a este corpo virtual implica, antes de tudo, compreender as sutis transformações – nas noções de tempo e de espaço –, que, na atualidade, podem estar sofrendo os significados relativos ao corpo e ao movimento.

Começemos por um exemplo. Aqueles que nutrem alguma atenção pelo esporte e que, necessariamente, já tenham superado o limite dos trinta anos, talvez se lembrem das intermináveis partidas de voleibol disputadas entre as equipes Pirelli e Bradesco. A primeira contava com ídolos como William e Montanaro enquanto a segunda tinha Renan e Bernard. Assistir aos jogos era uma tarefa que durava, não raro, bem mais de um par de horas. Passado já um bom tempo destas disputas, após pressões vindas, sobretudo, das televisões, os jogos de voleibol são bem mais curtos, com uma dinâmica de *tie-break*, muito mais adequada à acelerada e rígida distribuição temporal da programação televisiva. Poderíamos pensar que o voleibol é um esporte que se organiza apenas em torno de questões espaciais (a quadra, os jogadores, o lado em que a bola cai, a torcida), mas notamos, a partir da descrição acima, que uma dimensão temporal o perpassa e que, na sua condição de esporte-espetáculo, tal dimensão é, também, extrínseca às particularidades normativas do jogo.

Uma comunhão de olhares sobre o jogo, postados frente a aparelhos domésticos de televisão, forma uma rede de espectadores que não estão no “aqui e agora” do jogo, mas que também fazem parte dele. Notemos que o exemplo da mudança nas regras aponta a finalidade de agradar o telespectador, indicando, assim, que não podemos considerá-lo totalmente passivo, mas um elemento ativo, ao menos indiretamente, nesse jogo de interesses. É possível pensarmos na formação de uma grande rede que tem como núcleo o espaço do jogo em si, mas que se amplia imensamente pela ação do sinal televisivo. É freqüente vermos grandes espaços vazios nas arquibancadas de jogos que sabemos que estão sendo transmitidos a milhares de pessoas. Toda esta rede forma um novo lugar, menos ditado pela determinação espacial do que pela temporal (a hora do jogo, sua duração, se vem antes ou depois da novela).

Observemos então que o próprio jogo não pode mais ser tomado apenas como algo que se esgota em quem o pratica e onde é realizado, mas também naquele que o assiste, presencialmente ou não. Todos estes personagens são integrantes de uma rede de significados que se chama voleibol ou voleibol-espetáculo. Poder-se-ia pensar que o outro voleibol, o do não-espetáculo, ou seja, aquele praticado como lazer, poderia estar ausente desta rede, mas notemos que aqueles que o praticam são, provavelmente, espectadores do voleibol-espetáculo e, assim, os significados mantêm trânsito. As influências daquilo que é visto como espetáculo costumam ser projetadas na vida cotidiana, na medida em que as pessoas assumem papéis próximos daqueles que possuem referências em seus imaginários. Este assumir de certas “máscaras” não se configura como uma imitação pueril, mas em um processo de identificação ou, como chamou Maffesoli (1984, p. 138), “de teatralidade cotidiana”.

O que este exemplo cumpriu, até aqui, foi a tarefa de colocar certos pressupostos em seus devidos lugares; mas temos de perceber que não há novidade substancial neste arranjo, ou seja, no plano empírico já é razoavelmente notável esta rede e qualquer um pode atestar de maneira consciente o tráfego das influências recíprocas entre os diversos personagens que a compõem. No entanto, se avançarmos pelas conseqüências que tais pressupostos apresentam, encontraremos uma relação com o corpo e com a cultura de movimento que exige, em nosso olhar, novas interpretações.

Observemos a concepção de Marc Augé (2003) de “não-lugar”, ou seja, algo diferente do lugar antropológico, ou do espaço como princípio de sentidos para aqueles que o habitam. Para ele, o não-lugar é composto pelos espaços públicos nos quais se transita, mas não se habita, como os meios de transporte. Também são compreendidas como não-lugar as relações que estabelecemos com os espaços não habitados e, neste sentido, podemos incluir os cartões de crédito, o passaporte e outras situações nas quais o indivíduo se insere em um conjunto de significados

não concretos, mas relacionais e bastante usuais, na chamada “supermodernidade”. Para o autor, a supermodernidade pressupõe uma comunhão de fatores políticos, ideológicos, sociais e culturais que buscam dar não um sentido, mas sentidos, e não mais ao local, mas ao global. Trata-se, portanto, de um resgate da superabundância factual da atualidade e da necessidade diária de darmos sentidos ao mundo. O termo supermodernidade parece, portanto, ter o sentido não de superação da modernidade², mas de uma acentuação de certos fatores da mesma. Desta forma, os pressupostos da modernidade ainda valem, mas para se compreender a atualidade é preciso somar-se a eles a figura do excesso, a superabundância factual e suas implicações nos conceitos de tempo e espaço.

Notemos que nesse contexto se inserem muitas práticas corporais, como nosso exemplo inicial sobre o voleibol já sugeria. Nosso autor dos não-lugares indica-nos esse caminho quando aponta que o próprio corpo humano pode ser concebido como uma porção de espaço (AUGÉ, 2003, p.58). No entanto, notemos que uma nova ordem se instala sobre as práticas corporais a partir do momento em que o espaço se virtualiza³ e os significados são experimentados de outras formas. Notemos duas implicações que nos parecem especialmente relevantes ao universo das práticas corporais, decorrentes desse contexto da supermodernidade. A primeira diz respeito à multiplicação dos modelos de corpo e a segunda às figuras de excessos espacial e temporal, às quais correspondem o “achatamento” do lugar e a aceleração do tempo.

Há pouco tempo, havia sentido falar de um modelo de corpo, almejado pelo senso comum e objetivamente determinado, fruto de um conjunto extenso de hábitos de vida e práticas específicas necessárias para obtê-lo. Na supermodernidade, o novo corpo não pode atender a um modelo, ou mais que isto, o novo corpo, por prescindir do concreto, é, ao mesmo tempo, todos os modelos. Prescindir do concreto, neste caso, explica-se pela substituição da atitude objetiva (exercícios físicos, nutrição específica etc.) pela vivência do imaginário que envolve a estética corporal. Neste sentido, os hábitos perdem duração e identidade, sendo rapidamente substituídos por outros hábitos, pois é preciso estar em consonância com a superabundância factual da supermodernidade. Nesta estética do excesso, o “ter” ganha terreno e define o próprio “ser”, ou seja, ter uma bicicleta ou esteira ergométrica, ter várias roupas de ginástica, comprar os *kits* de emagrecimento ou os aparelhos domésticos de ginástica “global”, de certa forma já garantem o ingresso no universo do cuidado do corpo e experienciar este universo é, por assim dizer, uma reali-

2. Como sugere o termo “pós-moderno”, muito empregado por outros autores.

3. O espaço virtual ou *cyberspace* é composto pelas redes informatizadas como, por exemplo, a Internet, suas “viagens” virtuais ou “salas” de bate-papo. Randy Walsler (*apud* LE BRETON, 2003, p. 142) indica que o espaço cibernético “é o meio que dá aos seus usuários o sentimento de ser corporalmente transportado do mundo físico comum a mundos de pura imaginação”.

dade “não-corpórea” do próprio corpo supermoderno⁴. Para Le Breton, estas novas possibilidades dissociam corpo e experiência, fazendo a relação com o mundo perder um caráter real, transformando-a em relação exclusiva com dados e imagens. Para ele, “(...) o virtual legitima a oposição radical entre corpo e espírito, chegando à fantasia de uma onipotência do espírito” (2003, p.143-4).

Muito já se discutiu sobre as implicações do pensamento cartesiano sobre a idéia de corpo, observando-se que as conseqüências deste entendimento compreendem uma separação radical entre as esferas do corpo e do espírito (ou da mente). Tentativas de uma visão mais holística do corpo já se fizeram abundantes, sempre no intuito de revelar como anacrônica a dicotomia cartesiana. Ironicamente, os novos recursos tecnológicos da supermodernidade são os que mais dão condições para essa separação. Descartes chega ao *Cogito* (“penso, logo existo”) como resultado da extensão de sua dúvida metódica, ou seja, se me é possível duvidar da existência de tudo (inclusive do meu próprio corpo), é impossível duvidar da existência do meu pensamento, pois ele mesmo é o autor das dúvidas⁵. Observemos que a virtualização libera a necessidade do físico, prometendo a existência no plano quase autônomo do pensamento. Nos computadores, a gestualidade fica restrita ao minimalismo da digitação:

Um mundo em que as fronteiras se misturam e em que o corpo se apaga, (...) sem outro toque além do toque no teclado do computador, sem outro olhar além do olhar na tela. [no espaço cibernético] ... o corpo deixa de se impor como materialidade e ainda mais como identidade, porque todos os jogos são possíveis a esse respeito (LE BRETON, 2003, p.142).

Retornando ao corpo, mas a partir dessas novas condições, o indivíduo poderá sentir uma potência de liberação das suas condições corporais, ou seja, o corpo passa a ser suporte ou mídia e, como tal, pode ser moldado também em sincronia com a superabundância factual. A cirurgia plástica, em sua idéia limite, ou seja, independente das condições objetivas do indivíduo realizá-la, colocam no horizonte das possibilidades a alteração da própria estrutura corporal. Isso indica que, de certa forma, o indivíduo não se sente mais tão dependente de seu corpo genético, o que lhe permite pensar em ter não um corpo, mas “muitos corpos” ao

4. Aqui, talvez pudéssemos dizer também “pós-moderno”, mas por coerência à terminologia que aponta nosso autor de partida nesse texto (Marc Augé), seguiremos com o conceito de supermodernidade, tal como já o explicitamos.

5. Essas reflexões de Descartes constam do *Discurso do Método* e são retomadas nas *Meditações Metafísicas*. As conclusões das quais nos valem são claramente apresentadas em Reale e Antiseri (2003, p.364).

longo de sua vida. Em certa medida, também é este o desejo da ciência, quando preconiza técnicas de manipulação genética. Como desenvolve Le Breton (2003), no discurso científico contemporâneo o corpo aparece como simples suporte da pessoa e, como matéria-prima, pode-se agir sobre ele a fim de que seja continuamente transformado e melhorado.

A segunda implicação concernente ao corpo que extrairemos do contexto da supermodernidade apresentado por Marc Augé é o das figuras de excesso espacial e temporal. Para o autor, a complexidade do presente, expressa por uma superabundância factual, faz do excesso a modalidade essencial da supermodernidade. O tempo aparece sobrecarregado de acontecimentos, as distâncias espaciais se acham pelos meios rápidos de transporte. O excesso de informação oferece-nos mais oportunidades do que as que podemos aproveitar e nossa inevitável sensação é a de que temos que acelerar as ações, fazer mais coisas de cada vez, dar conta de tudo o tempo todo.

Nelson Brissac Peixoto (1996) questiona o olhar contemporâneo, dizendo que o mesmo não tem mais tempo, pois as imagens passam cada vez mais depressa aos nossos olhos e nada parece mais impertinente do que pedir a essas imagens aceleradas que permaneçam. Por esta dinâmica, qualquer prática corporal que se apresente como de resultados lentos, qualquer corpo que não se adapte rápido, serão anacronismos fadados ao abandono. A economia do corpo, como a economia da vida contemporânea, tem que aprender a poupar tempo e espaço. Um exemplo particularmente feliz desta economia vem do crescente número de produtos voltados para a ginástica em casa, que ocupam longos comerciais nos canais de televisão. A academia, espaço simbólico da contemporaneidade, repleto de relações e significados, ainda se mantém, mas cresce também o hábito da ginástica em casa ou, pelo menos, da compra dos produtos para ginástica em casa. Uma tônica básica destes produtos é “todos em um”, idéia que em si mesma traz o achatamento do espaço (redundam as imagens do tal aparelho sendo guardado em pequenos armários ou debaixo da cama). Outro elemento central das promessas destes produtos é a economia de tempo: “fique em forma em dez semanas”, “programa dos quinze dias”, “não perca tempo”. Nas propagandas televisivas, os praticantes estão, com frequência, lendo revistas ou se ocupando de outras atividades, para demonstrar que nem sequer os exercícios próprios do aparelho lhe farão perder tempo, nem lhes exigirão grande quantidade de esforço ou desgaste físico.

Compreendemos, dessa forma, que num mundo em que os não-lugares vêm ocupando o espaço dos antigos lugares identitários, achatados pela supermodernidade, de fato, a imagem do corpo ganha destaque, pois aparece como mais flexível, mais mutável, mais veloz, mais passível de suporte dos sonhos de consumo veiculados pela mídia. Por outro lado, defendemos que a materialidade corpórea do ser humano pode e deve se contrapor e subverter esse processo de

virtualização corporal, uma vez que ela retarda, obnubila e distorce a imagem sempre desejada e nunca alcançada, fato positivo numa época em que urge resgatar a identidade humana. O corpo pede, sua, cansa, dói, fede, excreta, reclama, grita, geme, excita, sente prazer. Esta materialidade corpórea pode ser identitária na medida em que conseguir denunciar a falácia das imagens que a mídia insiste em vender sobre o corpo.

Que implicações estas novas relações, esta nova caracterização de não-lugares, podem trazer ao universo da Educação Física? Para os que, como nós, compreendem a atividade física pelo universo de significados que sua prática envolve e, nesse sentido, entendem a atuação do professor como um elemento de reflexão e ação no núcleo destas ações, fica a impressão clara da necessidade de posicionamento acadêmico e profissional em torno destes temas, caso não queiramos protagonizar os personagens que os comerciais de aparelhos de ginástica apresentam como professores, ou seja, coadjuvantes dos aparelhos, presentes mais para exemplificar os resultados do mesmo (em seu próprio corpo) do que para construir qualquer discurso relevante.

Por mais que pareça impertinente e quimérico frear o fluxo dessa dinâmica “não-corpórea” do corpo, se isso precisa ser feito a partir de pressupostos éticos, o papel do professor de Educação Física, neste contexto, é de grande importância. Este texto não aventou possibilidades para isso e nem discutiu, de forma direta, a ética do corpo nessa supermodernidade, mas, ao apontarmos alguns novos significados que o corpo e as práticas corporais vêm assumindo, acreditamos que estamos iniciando uma reflexão que já se impõe como inevitável.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, M. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2003.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- PEIXOTO, N. B. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Ed. Senac, 1996.
- REALE, G; ANTISERI, D. *História da filosofia*. 6.ed. São Paulo: Paulus, v.II, 2003.
- RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. 3ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SANTOS, M. Ser negro no Brasil hoje. Caderno Mais, *Folha de São Paulo*, 7 de maio de 2000.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido em 10 de novembro de 2004 e aprovado em 21 de outubro de 2005.